O PROCESSO DE DESCONFIANÇA NA LEITURA

The process of distrust in reading

Emerson Roberto de Oliveira SITTA
Faculdade Max Planck
Faculdade de Tecnologia César Lattes

Resumo: Este trabalho tem por objetivo questionar a falta de incentivo para leituras investigativas e críticas. Para demonstrar essa situação, apresenta um tipo de leitura ultrapassada de poesia desenvolvida nas escolas. Posteriormente, ilustrando com a figura do poeta João Cabral de Melo Neto, demonstra uma visão de poesia voltada para razão e para o trabalho da forma poética, destacando o Antilirismo, a poesia e a leitura de poesia como alternativa para a melhoria dos instrumentais de leitura, não apenas de poesia, mas de outros tipos de texto.
Palavras-chave: leitura; João Cabral de Melo Neto; poesia.

Abstract: This research aims at the questioning the lack of motivation for investigative and critical reading. In order to demonstrate this situation, presents an outdated kind of reading of the poetry developed in schools. Then, illustrating the figure of the poet João Cabral de Melo Neto, shows a view of poetry dedicated to reason and to the work of poetic form, focusing on the "Antilirismo", the poetry and reading of the poetry as an alternative to the improvement of instruments of reading, not just for poetry, but also for other kinds of text.
Keywords: reading; João Cabral de Melo Neto; poetry.

INTRODUÇÃO

Através da poesia podemos ler a história de nossas vidas. Certamente, esta afirmação se refere diretamente a um leitor conceituando a poesia como uma expressão íntima e confessional. No entanto, temos uma outra possibilidade de leitura da poesia, uma que exige um conhecimento da forma poética. Mais racional e lógica.

Não há impedimentos nem deve ser proibida de se fazer ou de se ler a poesia de ordem mais lírica. O que se deve observar atentamente é que o poeta quando faz uso de uma construção diferente dos modelos convencionais, não está deixando de ser lírico. Esta nova poética, que não é tão nova assim, também precisa ser lida, discutida e compreendida.

Pensando dessa maneira, percebemos que por meio da leitura de poesia temos além da história de nossas vidas, a história do mundo em que vivemos. Este poeta, preocupado em registrar o que vê e o que sente de maneira diferenciada, despertará em nossa leitura, não apenas o sentimento único, mas o coletivo.

A leitura deve nos perturbar. Ela não deve apenas mexer com nossas reminiscências, mas também com nossas estáticas opiniões sobre os outros, sobre a cidade, o país e o mundo.

Especialmente, temos em nossa história literária um movimento transformador: o Modernismo. Este movimento foi responsável em diferentes níveis e variações por diversas inovações na construção de poemas. Infelizmente, o que se vê ainda é a leitura desse movimento como um destruidor de formas, consequentemente da poesia.

Não devemos imaginar que apenas o Modernismo foi responsável por tais mudanças, em outras épocas também tivemos destruidores de formas, poetas ou escritores absurdamente inventivos e que são considerados e lidos hoje como modernos e contemporâneos. Machado de Assis, por exemplo, caso mais emblemático, embora sua maior genialidade esteja na prosa.

O que deve ser visto como missão pelos educadores e professores é que, a partir do Modernismo, poderemos entender diferentes concepções de literatura em qualquer tempo. Se continuar o exercício parnasiano de leitura, poderemos ter em breve, se já não temos, uma massa que não diferencia, não distingue, não relaciona, não cruza informações, não conclui.

A poesia moderna brasileira deve ser lida nas escolas, especialmente no Ensino Médio, com desconfiança porque é disso que ela se alimenta. Esbravejar aos alunos que um poema concreto não é poesia ou simplesmente ignorá-lo, por exemplo, é assassinar cruelmente uma perspectiva evolutiva de pensamento.

DO PROBLEMA AO EXEMPLO: JOÃO CABRAL DE MELO NETO

É tentadora a conclusão de que somos subdesenvolvidos intelectualmente por conta de nossa formação. Friamente, essa conclusão pode ser considerada irresponsável.

Não há paixão que resista a um pouco de razão. Sem aprofundar, por diversos motivos, somos capazes de compreender algo novo. Se por obediência não investigamos, por intuição refletimos. Desconfiar é uma atitude humana e, seguramente, uma atitude que tivemos ao longo de nossa história.

A investigação de um poema não é necessariamente uma atitude que possa ser considerada inútil. Ao desconfiarmos da forma de um poema, vemos nele algo novo que corresponde diretamente ao que somos coletivamente. Não é possível fecharmos os olhos por muito tempo para as transformações, nossa condição humana não permite. E a poesia pode nos fazer perceber tais transformações porque nem sempre nos faz chorar, ela também nos faz pensar.

Uma constatação infeliz nos cerca: a maioria de nossos leitores não desconfia. Como, então, despertar nesses leitores o prazer de desconfiar? Um bom exemplo está na figura de João Cabral de Melo Neto. Mas antes de apresentá-lo, vamos colocar em questão três itens importantes para a fundamentação final desse artigo.

O primeiro deles é o Antilirismo. Nossa educação nos indicou que a leitura de poesia é manifestação de sentimentos. Agindo assim, perdemos, porque vamos rejeitar a inversão ou uma revolução que algum poeta fez. A primeira orientação que damos a quem está a nossa volta é de que aquilo não é poesia. O que sabem os leitores sobre poesia a ponto de afirmar que esta ou aquela não é poesia?

Se olharmos para a nossa vida cotidiana, perceberemos absurdos tecnológicos que nunca imaginaríamos um dia. O celular, por exemplo, é hoje uma máquina que desenvolve uma infinidade de operações. A evolução

daquele telefone que tínhamos em casa, de disco ainda, em um aparelho como o que conhecemos hoje, pode ser classificada de que maneira?

Observando esse avanço técnico e científico, não seria lógico pensar que a poesia, aquela que através dela podemos ler a história de nossas vidas e do mundo, se transformou?

O antilirismo não é bem a negação do lirismo, mas a construção de um novo lirismo. O lirismo pode estar na confissão de um pássaro, mas também pode estar na decolagem de um avião.

Devemos entender que a leitura não passou a ser investigativa no Modernismo, sempre foi. Basta retomar algumas civilizações antigas. Como puderam evoluir tanto? Se observarmos apenas a filosofia, veremos que filósofos como Platão e Aristóteles parecem ter feito ou falado sobre tudo o que pensamos hoje.

O segundo item em questão é a própria poesia. Nunca deixaremos nossa face humana de lado, portanto não deixaremos de amar, de se apaixonar e de trair. No entanto, não somos homens limitados pelo exercício da emoção. Transformamo-nos através dos tempos. Evoluímos incondicionalmente. Assim, apenas produzir, ler e aceitar como poesia, manifestações extremadas de emoção, é retroceder ou retardar um ciclo natural de crescimento.

Não é nas idiossincrasias do poeta que deve estar nossa leitura, mas na leitura que faz o poeta das idiossincrasias da vida. Acreditamos e aceitamos que o poeta seja um sujeito indisciplinado e desregrado, um tipo romântico, no entanto não aceitamos indisciplina e descumprimento de regras na forma do poema. O que devemos compreender é que se há um grupo de poetas mexendo, invertendo, inventando, revolucionando é porque algo novo tem acontecido ou irá acontecer em nossas vidas.

E o terceiro e último item em questão é exatamente a leitura de poesia. Ela não pode ser linear. Ela deve ser múltipla e simultânea. Não se trata de apenas intertextualidade ou paródia, mas sim de uma leitura da forma poética.

Devemos levar em consideração elementos semânticos, sintáticos, léxicos, morfológicos, fonéticos e topográficos. Não queremos dizer que esses elementos nunca foram trabalhados em outras épocas, mas agora eles aparecem de forma livre, nos obrigando a compreender o diálogo entre a forma e a expressão.

A construção de um poema "moderno" implica a reflexão sobre o estilo e sobre a estética. A forma fixa, como o soneto, não abre visuais possibilidades de invenções na forma do poema. Os versos livres, típicos do Modernismo, exigem do poeta a construção de sua própria forma.

Se antes já era difícil, como um soneto de Camões, com o Modernismo ascendemos a uma situação de leitura mais complexa ainda justamente pela multiplicidade e simultaneidade.

Trabalhando poemas como "versinhos" que obrigatoriamente devem ter rimas, limitamos o conhecimento de mundo. E não somos seres limitados, haja vista toda a nossa transformação tecnológica. Se ainda fazemos guerras é um mistério que a própria poesia pode questionar.

Em João Cabral de Melo Neto encontramos a possibilidade de inversão desse papel de leitura de poesia. Estudando sua vida e sua história com a poesia, podemos encontrar possibilidades de novas leituras e buscar, como ele, a estrutura do poema moderno.

João Cabral, resolutamente, fez sua expressão poética ter como condição indispensável o trabalho formal. Obstinado, não permitiu que o lirismo fosse a dominante, conquistando um estilo inconfundível e marcadamente inovador.

Para se definir, João Cabral - pesquisador de formas, além de ávido leitor - soube ler o seu tempo e manifestar-se, inclusive teoricamente, a respeito da poesia. Nessa leitura também há uma atitude em relação a sua geração, que tem fundamental importância para compreendermos sua postura e suas conquistas poéticas. Com propostas formais diferentes, se intitulava

poeta marginal e negava participar da geração de 45 que professava uma poesia intimista e subjetiva.

Alfredo Bosi (1994, p. 466), em *História Concisa da Literatura Brasileira*, refere-se a essa geração dizendo:

> *Renovava-se, assim, trinta anos depois, a maneira parnasiana-simbolista contra a qual reagira masculamente a Semana; mas renovava-se sob a égide da poesia existencial européia de entre-guerras, de filiação surrealista, o que lhe conferia um estatuto ambíguo de tradicionalismo e modernidade".*

Especialmente com a obra O Engenheiro de 1945, João Cabral afigura-se como defensor do rigor, da precisão e da objetividade. Somente essas características já seriam suficientes para diferenciá-lo da geração de 45, mas o alcance de sua poesia ainda chegaria a outras especificações literárias dentro do cenário poético brasileiro.

Com imperativos formais, João Cabral determina o controle dos sentimentos sem a exclusão da força poética, pois sua poesia não é meramente descritiva. O poeta-engenheiro licencia-se da vida comum e habita com segurança no reino adverso das palavras, no qual as pesquisa e busca as mais adequadas, puras e concretas e rejeita as de carga semântica metafísica. Logo após, transfigura a forma num objeto cortante o qual faz o leitor sangrar intelectualmente, obrigando-o a recuperar a tormenta da experiência pela qual passou o poeta ao indagar o mistério e a sua representação.

A poética cabralina inova formalmente quando pretende dizer o máximo num mínimo de palavras como que a desenhar, engenhosamente, o macro num microcosmo. Por servir ao ativo desejo de construir versos, dimensionando-os conscientemente, João Cabral coloca como atitude o antilirismo, marcando estilisticamente sua relação com a poesia.

Valorizando o antilirismo e o trabalho formal, deu ao leitor brasileiro a divisão mais viva entre a arte da intuição e da razão. Ao mesmo tempo, fincou uma raiz serena na crítica que se viu por ele alertada das transformações iniciadas na Semana de 22.

O que parece apenas uma inversão de prioridades, um poeta que decidiu escrever racionalmente, equacionando o que sentia com o que desejava exprimir, obrigando-se a vivenciar a linguagem, tentando presentificá-la, trata-se, deveras, de uma abrupta virada na produção e leitura de poesia e crítica no Brasil. João Cabral pode ter seguido tendências, entretanto, calculou sua passagem pelas letras de maneira a inová-la, ainda que não tenha, até hoje, reconhecida sua relevância perante a fome daqueles que desejam martirizarem-se sempre diante de um poema.

O poeta engenheiro João Cabral não cumpriu esse percurso de experimentações em pouco tempo. Seu primeiro livro Pedra do Sono tem uma ordem surreal, no entanto, um surrealismo que se apresentava relacional como aponta Barbosa (1975). Nas obras seguintes, especialmente em *O Engenheiro* (1945), temos a marca definitiva de sua poética. Dali para diante, acrescentaria novas experiências baseadas nos resultados obtidos até então.

Uma de suas especialidades, a poesia metalingüística, contribuiu para o pensamento de sua poética. Sua explanação sobre a poesia em forma de poesia correspondia não só a um movimento de defesa do que acreditava ser poesia, mas também a um processo de investigação de sua própria linguagem.

Os poemas metalingüísticos de João Cabral apresentam teoria em seu interior. Enquanto escrevia sobre a maneira de compor, alicerçava teoricamente seu espírito poético. Ao provocar o texto poético, o poeta descobria novas dimensões e maneiras para se manifestar, aperfeiçoava sua lógica compositiva. Haja vista o poema “Catecismo de Berceu” do livro *Museu de Tudo* de 1974. Se observarmos apenas os dois versos iniciais de cada estrofe (grifo nosso), teremos claramente sua lição de poesia:

1

Fazer com que a palavra leve

pese como a coisa que diga,

para o que isolá-la de entre

o folhudo em que se perdia.

2

Fazer com que a palavra frouxa

ao corpo de sua coisa adira:

fundi-la em coisa, espessa, sólida,

capaz de chocar com a contígua.

3

Não deixar que saliente fale:

sim, obrigá-la à disciplina

de proferir a fala anônima,

comum a todas de uma linha.

4

Nem deixar que a palavra flua

como rio que cresce sempre:

canalizar a água sem fim

noutras paralelas, latente.

O título do poema também nos faz refletir sobre o uso da palavra, pois nos remete relações com a religiosidade. Certamente, João Cabral faz uma alusão direta ao modo de compor de Berceu, atrelando-o a sua principal temática que é religiosa. O catecismo transparece como uma etapa, um processo de aprendizagem da palavra, numerado e religiosamente objetivo.

As palavras iniciais, utilizadas nas duas primeiras estrofes, são iguais, indicam, direcionam "fazer com que / fazer com que". Nas duas últimas estrofes, as palavras não se repetem, porém as duas têm valor negativo "não deixar que / nem deixar que", como se elas reafirmassem a orientação inicial.

O choque provocado na primeira estrofe, por exemplo, entre “leve” e “pese”, é descrito no seu ato de construção. "Capaz de chocar com a contígua", o adjetivo “capaz” dá à palavra a independência expressiva, ela se

faz pelo que é, não apenas em princípio, mas no corpo do poema e nas possibilidades de relações.

Na primeira estrofe, a palavra tem de pesar como coisa que o diga, na segunda estrofe, a palavra tem de aderir à coisa e, no terceiro verso dessa mesma estrofe, fundir-se em coisa. Propriamente, é este o caminho que descrevemos anteriormente, a palavra torna-se a própria coisa de que se quer falar.

É possível, então, verificarmos um processo racional de exposição sobre a palavra poética. Sem desviar-se e, ao mesmo tempo, conjugando sua teoria, João Cabral questiona e conclui a utilização da palavra na poesia. Sua síntese é um fato que pode ser observado e descrito sem risco de incompreensão ou de desvio de conduta, pois ele não se altera e se mantém fiel a sua idealização poética.

Trata-se de uma linguagem inventiva, pois a luta de João Cabral é com as palavras. É uma busca apaixonadamente racional por novas significações que consolida uma maneira inédita de escrever poemas. É o que podemos perceber em um ensaio intitulado *O Geômetra Engajado* de Haroldo de Campos (2004):

> *"É a instauração, na poesia brasileira, de uma poesia de construção, racionalista e objetiva, contra uma poesia de expressão, subjetiva e irracionalista." (p. 80)*

A visão racional de João Cabral é matéria para sua poesia. É uma poesia centrada na lógica, numa lógica de composição, semelhante à de um engenheiro. Portanto, é um tipo de poesia que não se subordina, ela é sempre uma tentativa de materialização da linguagem. Como se a palavra servisse ao poeta, apresentasse a ele suas condições semânticas indispensáveis.

Entretanto, não é certo afirmar que a poesia de João Cabral não reserva emoção. Ela é oferecida ao leitor de maneira calculada e precisa. Mas só se chega até a emoção vencendo a construção objetiva, nominal e substantiva a que se dispõe sua poesia, mesmo que soe antilírica, antimusical e anticonfessional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A necessidade de compreender o que acontece com cada um de nós é um objeto comum dentro da sociedade. Como podemos constatar em qualquer outra situação histórica, o processo de desenvolvimento do homem é resultado de sua busca, às vezes sem explicação, por uma realização que poder ser uma simples melhoria em seu lar ou algo mais complexo envolvendo a sociedade de forma geral.

Indispensável e impossível de ser apagado, o poder de criação do homem é avassalador quando se estrutura em um texto, seja ele de qualquer gênero ou natureza. Infelizmente, parece perdida a compreensão desses documentos históricos como: manifestos, cartas e depoimentos. É o que constatamos com o exemplo da leitura de poesia no Brasil.

Assegurando que a leitura se faça apenas procurando rimas e proposta de sofrimento e de dor, teremos uma conduta exemplarmente mediana em relação à linguagem poética. Geralmente, esses poemas que propõem arder o leitor de paixão, usufruem sem medidas de melodias cansativas e repetitivas. São sentenças simples demais e puramente subjetivas, parecem apelidar o sentimento de glória.

É preciso pesar que a manifestação romântica é uma necessidade comum e revolucionária. No entanto, parece ter sido ela, no Brasil, modificada para uma cultura de sofrimento e alienação. É verdade que devemos viver intensamente nossos sentimentos, podemos acreditar nisso, mas não é possível que todos se valham dessa premissa para viver. Portanto, açoitar nossa história com rasteiros versos é um ato comprometedor, um delito contra a evolução.

A poesia foi aqui utilizada como exemplo do péssimo uso e ensino de linguagem no Brasil. Se no cenário literário que se substancia de transformações num grau máximo ainda temos uma leitura simples e comum, podemos imaginar o que fazem os mais cotidianos comunicadores. Estamos

condicionados a aceitar o que lemos, talvez por uma imposição colonial e isso vem destruindo as nascentes revoluções em vários cantos do Brasil.

Reafirmando nossa tese, instintivamente o homem desconfia do que vê e do que sente. Entretanto, o direito de revidar foi amputado do brasileiro, pois ele não compreende seguramente o que lê nem sabe o que fazer para entender melhor o que tem nas mãos.

Personalidades como o poeta destacado nesse artigo, desfiguram esse projeto de "imbecilização". No entanto, é ainda duvidoso o alcance das leituras de sua poesia e do que pensava sobre poesia. Assim como João Cabral, outros poetas perderam espaço ou foram diminuídos por um principio bastante claro: eles não são comercialmente interessantes.

É, justamente, na leitura de poesia, na arte de forma geral, que podemos reverter essa política do "sim". Atribuindo ao plano de ensino nas escolas, a poesia intelectual, aquela que exige reflexão, aquela que se faz pela linguagem e não somente pela expressão. Destruindo a imposição de currículos antigos e ditatoriais, poderemos reconstruir no homem o desejo de desconfiar criticamente, com serenidade e responsabilidade.

É verdade que esse não é um discurso novo, assim como algumas invenções formais do Modernismo, como já observamos. No entanto, posicionamentos como o de João Cabral e posteriormente de Haroldo de Campos e outros críticos, ainda não conseguiram derrubar a visão de que a leitura de poesia é uma atividade meramente ilustrativa de sentimentos, isso quando não utilizada para ensinar lições de moral e comportamento.

Assim, reafirmar tal discurso é continuar instigando mudanças e transformações na leitura de poesia e de novos poetas. Parece haver, infelizmente, uma dose excessiva de generalizações e preferências sem fundamentação no cenário artístico. Portanto, para reverter essa postura avessa ao desenvolvimento, a continuidade dessa discussão deve cercar todos os envolvidos no processo educacional, mesmo aqueles que se distanciam da

área das letras, pois seus temas estão nos poemas, naqueles inventivos ou não.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA, João Alexandre. **A Imitação da Forma**: uma leitura de João Cabral de Melo Neto. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1975.

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. 39º ed. São Paulo: Cultrix, 1994.

_____. **Leitura de Poesia**. São Paulo, Editora Ática, 2003.

CAMPOS, Haroldo de. **Metalinguagem & outras metas**: ensaios e teoria e crítica literária. 4º ed. São Paulo: Perspectiva, 2004.

CORTÁZAR, Julio. **Valise de Cronópios**. 2ª edição, São Paulo, Perspectiva. 2006.

MELO NETO, João Cabral de. **Obra Completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

PAZ, Octavio. **Signos em rotação**. 3ª edição. São Paulo, Perspectiva, 2006.